

Setor interno: peso de 84% na expansão

Iedi teme efeitos de possível alta de juros sobre recuperação

Aguinaldo Novo e Ronaldo D'Ercole

• SÃO PAULO. A forte reação do mercado interno foi o principal motor para a variação do PIB no segundo trimestre deste ano, de acordo com estudo divulgado ontem pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). Utilizando dados do próprio IBGE, o Iedi mostrou que a maior renda disponível, graças à volta dos empregos, engordou a demanda doméstica e deixou o país menos dependente das exportações.

A chamada demanda interna, medida pelo consumo das famílias, do governo e dos investimentos, teve peso de 84,6% para o crescimento do PIB no segundo trimestre, contra 45,1% de janeiro a março. Em contrapartida, a demanda externa (exportações líquidas de bens e serviços) recuou de 54,9% no primeiro trimestre para 15,4%.

— Como o volume de exportações não caiu no período, longe disso, o que os dados mostram é uma forte recuperação do mercado interno. O Brasil saiu da dependência completa das exportações para entrar em um novo estágio de crescimento — afirmou o diretor-executivo do Iedi, Júlio de Almeida, acrescentando que o desafio agora é retomar os grandes investimentos industriais.

Mas o Iedi ainda tem dúvidas sobre o fôlego da atual recuperação econômica. O principal receio é que o Comitê de Política Monetária (Copom) eleve a Taxa Selic ainda este ano, como indicou a ata da reunião de julho. A falta de incentivos para eliminar os gargalos de energia elétrica e transporte também preocupa, segundo a Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib).

— O balanço do desempenho do PIB aponta sucessos e alertas. Se não conseguirmos eliminar rapidamente parte dos entraves ao investimento, certamente a infra-estrutura vai comprometer o crescimento da economia já em 2005 — disse o presidente da Abdib, Paulo Godoy. — O descompasso entre o crescimento da balança comercial e nossa capacidade de escoar a produção é um exemplo claro.

Para o diretor do Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos da Fiesp, Claudio Vaz, a produção industrial continuará crescendo neste semestre, mas a taxas menores que as dos primeiros seis meses. Referindo-se a uma possível alta da Selic e aos gargalos na infraestrutura, Vaz disse que “o crescimento é sempre um processo turbulento”:

— O país precisa enfrentar os obstáculos como fazem outras nações. Ninguém acha que não crescer é melhor que crescer.